



FACULDADE DE CIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE CAPIM GROSSO

Recredenciada pela portaria MEC: nº 344, de 5 de abril de 2012.

Rua Floresta, Lot. das Mangueiras, Bairro: Planaltino,

Capim Grosso/BA, CEP: 44695000. Atendimento: 0800 900 02 03.

FACULDADE DE CIÊNCIAS EDUCACIONAIS CAPIM GROSSO-FCG
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

HADSON BERTOLDO SALES LIMA

**JUVENTUDES RURAIS: PROLONGAMENTO DA ESCOLARIZAÇÃO
E PROJETOS DE FUTURO**

CAPIM GROSSO-BA

2023

HADSON BERTOLDO SALES LIMA

**JUVENTUDES RURAIS: PROLONGAMENTO DA ESCOLARIZAÇÃO
E PROJETOS DE FUTURO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a disciplina TCC II, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela FCG - Faculdade de Ciências Educacionais Capim Grosso.

Orientador (a): Prof^ª. Íris Vanessa

HADSON BERTOLDO SALES LIMA

**JUVENTUDES RURAIS: PROLONGAMENTO DA ESCOLARIZAÇÃO E
PROJETOS DE FUTURO**

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me guiar nessa jornada e me conceder discernimento, força e luz.

À minha família e amigos

Ao meu companheiro de todos os momentos, Alisson Nogueira.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os fatores que interferem nas decisões de jovens rurais da comunidade da Ribeira- Araci/BA, tanto no sentido de prolongar a escolarização, visando ampliar as possibilidades ocupacionais, como os que interferem na decisão do abandono escolar. Com abordagem qualitativa e análise das entrevistas narrativas dos jovens, dialogamos com autores como Pais (1990) para pensar as juventudes como uma construção histórica permeada por condicionantes, Marin (2019) que propõe a observação das juventudes rurais a partir da análise dos contextos histórico-sociais e por fim trouxemos Leão (2011), que considera os projetos de vida como a capacidade individual dos jovens em elaborar projeções futuras pautadas nas experiências socioculturais. Os resultados apontam que os jovens da Ribeira buscam expandir suas redes de possibilidades de futuro e superar a escassez de certos recursos materiais, econômicos e simbólicos que os colocam diante do duplo desafio: ficar ou partir.

Palavras-chave: Juventudes rurais; Escola; Projeto de futuro.

ABSTRACT

The present research aimed at analyzing the factors that interfere in the decisions of rural youngsters from the community of Ribeira - Araci/BA, both in the sense of prolonging schooling, aiming at expanding occupational possibilities, and in the decision of dropping out of school. With a qualitative approach and analysis of the narrative interviews of young people, we dialogued with authors such as Pais (1990) to think of youths as a historical construction permeated by conditioning factors, Marin (2019) who proposes the observation of rural youths from the analysis of historical and social contexts, and finally we brought Leão (2011), who considers life projects as the individual capacity of young people to elaborate future projections based on sociocultural experiences. The results indicate that the young people of Ribeira seek to expand their networks of possibilities for the future and overcome the scarcity of certain material, economic, and symbolic resources that confront them with the double challenge: stay or go.

Keywords: Rural youth; School; Project for the future

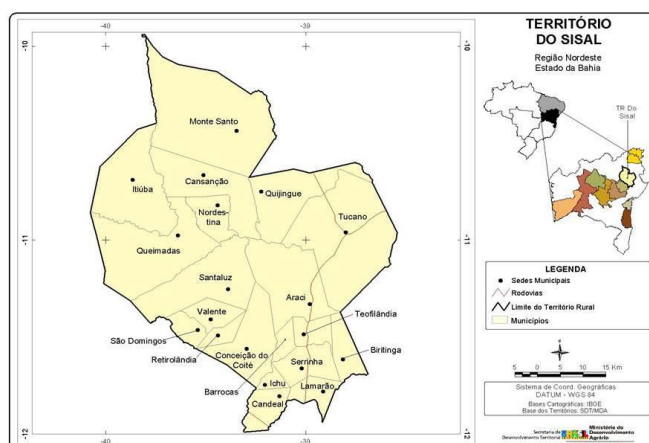
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 UM DEBATE SOBRE JUVENTUDES RURAIS E PROJETO DE FUTURO.....	10
2.1 retrato da educação no município de Araci- Bahia.....	13
3. OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	15
3.1 Campo de Pesquisa	16
3.2 Sujeitos da Pesquisa	17
3.3 Instrumentos da Pesquisa.....	19
4 “Fala, garoto”: o que os jovens da Ribeira têm para nos dizer.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Pensar o debate da valorização da vida e do humano é sempre difícil, uma vez que as experiências culturais e sociais são perspectivas que se diferem à medida que estão relacionadas às práticas histórico-sociais, e estas estão, sempre, em constante transformação, ressignificação. Este debate reverbera sobre a proposta da presente pesquisa, cujo objetivo é identificar os fatores que exercem influência na decisão do prolongamento da escolarização e construção de possibilidades de trajetórias ocupacionais entre os jovens rurais da comunidade da Ribeira na cidade de Araci/BA. Sabemos que tais questões devem considerar as trajetórias e as experiências socioeducacionais dos alunos que permanecem na comunidade e que dão continuidade à sua escolarização, assim como daqueles que interrompem seus estudos e migram, principalmente, para as regiões Sudeste e Sul em busca de trabalho. O estudo desse fenômeno permite compreender as relações tecidas entre os jovens e a escola em suas trajetórias escolares e profissional, apontando as relações criadas na construção das aspirações profissionais e trajetórias individuais.

Esta pesquisa busca, portanto, apresentar, em escala local, as mazelas e contradições que marcam o cenário rural brasileiro, gerando, em consequência disso, a exclusão social, econômica, política e cultural que agrava a pobreza, as desigualdades, as discriminações, os autoritarismos, os fluxos migratórios e, enfim, as múltiplas formas de violência contra a pessoa humana. Assim, se faz necessário pensar o contexto espacial onde esses processos se evidenciam, sendo importante mencionar que o município de Araci localiza-se a 210 km da capital da Bahia, Salvador, estando inserido no Polígono das Secas, mais especificamente, no Nordeste da Bahia. Com extensão 1524 Km² de área, o município tem suas terras no Território de Identidade do Sisal classificação que obedece a critérios administrativos do governo do Estado e operacionalizado, a partir de 2003, pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial na gestão do Partido dos Trabalhadores – PT para fins de planejamento e controle. (MIRANDA, 2018).

FIGURA 1: Mapa do Território do Sisal, 2010.

FONTE: Site da Agência Embrapa Informação e Tecnologia (MDA, 2010).

A cultura do sisal é de suma importância não somente para o alargamento ou elaboração de planejamento para o território de identidade em questão, mas, principalmente, para a formulação de políticas públicas direcionadas à área que engloba 20 municípios. Trata-se de território que conta com uma população de 382.331 habitantes, dos quais 57, 21% vivem em área rural: A área possui 58.238 agricultores familiares, 2.482 famílias assentadas, duas comunidades quilombolas e uma terra indígena. (Beltrão *apud* Nunes *et al*, 2015, p. 189). Será, ainda, a partir do cultivo da cultura do sisal que questões centrais acerca do povoamento e desenvolvimento econômico da área serão norteadas.

Dias *et al* (2015) apontam que as condições geográficas próprias ao território são propícias para a cultura do sisal, cujo cultivo suporta prolongados períodos de seca e elevadas temperaturas. A sua produção se dá através da agricultura familiar, caracterizada por baixo nível de incorporação tecnológica no processo produtivo desde o plantio até o beneficiamento, havendo, ainda, o subaproveitamento do produto a partir do uso da fibra. O plantio do sisal também foi importante e responsável pela intensificação do povoamento dessa região, influenciando o surgimento do município estudado, Araci, que data de 1956, além dos municípios Valente em 1958, e Ichu em 1962.

Considerando esse retrato geral da região e visando refletir sobre como estes ou outros fatores podem influenciar no prolongamento da escolarização e na perspectivava de trajetórias ocupacionais dos jovens da Ribeira, os objetivos específicos desta pesquisa consistem em: a) traçar o perfil dos jovens observando aspectos socioeducacionais, econômicos e familiares; b) identificar o papel atribuído a

escola no âmbito da elaboração de projetos de futuro tanto para os jovens que migram como para aqueles que permanecem e c) identificar o impacto que a ocorrência de abandono escolar e migração entre os colegas de escola produz sobre aqueles que permanecem na comunidade e dão continuidade aos estudos.

Para tanto, inicialmente faremos uma discussão acerca das categorias de estudo adotadas, salientando importantes contribuições de autores deste campo temático para pensarmos as juventudes rurais como plurais e dotadas de especificidades.

2 UM DEBATE SOBRE JUVENTUDES RURAIS E PROJETO DE FUTURO

Abordar as discussões acerca das juventudes nos permite pensar no que essa categoria tem para contar sobre sua geração e os contextos histórico-espacial-social em que estão inseridas, garantindo, assim, evitar distorções e generalizações relativas ao debate.

Imbuído por esse ideário, Pais (1990) constrói uma longa e importante contribuição teórica. Para o autor, a juventude pode ser pensada como homogênea e heterogênea. Pensemos, então, os momentos em que essas situações ocorrem: quando consideramos que esses indivíduos compartilham valores e representações que servirão de parâmetro na construção de suas subjetividades, como por exemplo, o culto ao corpo ou o apego ao materialismo, observamos um conjunto de idealizações que farão desses um grupo uniforme. Por outro lado, se refletirmos a partir da perspectiva dos contextos social/cultural/espacial em que estes indivíduos estão inseridos, pensaremos as juventudes como construções históricas permeadas por condicionantes que fazem delas um lugar heterogêneo.

Assim, é pensando a juventude como categoria heterogênea que particularizamos o recorte da discussão da pesquisa e trazemos as contribuições formuladas por Marin (2019) acerca das juventudes rurais. Observando a fundamentação que sustenta a abordagem do autor é importante registrar que o mesmo propõe – e aqui observamos uma aproximação com a perspectiva de juventude heterogênea de Pais (1990) – a observação dos construtos juventude rural a partir da análise dos contextos histórico-sociais e das variáveis tempo e espaço. Marin (2019) também leva em consideração as interações que são construídas entre as dimensões do mundo objetivo com as representações que são criadas em torno dessa categoria.

Para fundamentar tal postulado, Marin (2019) propõe um caminho metodológico pautado nas análises das especificidades dos processos de inserção da categoria socioprofissional designada por ele como agricultura familiar¹. A este propósito, o autor entende que esta abordagem facilita a análise das formas

¹A agricultura familiar é aquela atividade que utiliza a mão-de-obra da família, sendo a principal responsável pela produção de alimentos no país. Segundo dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, esse tipo de agricultura constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes, responde por 35% do Produto Interno Bruto do Brasil e absorve 40% da população economicamente ativa do país.

particulares com que as famílias se apropriam dos meios de produção, além de ajudar a perceber como organizam o trabalho familiar. A abordagem, portanto, explicita correlações econômicas, políticas e culturais no espaço onde estão inseridos os jovens, a comunidade de pertença e a construção de representações.

Assim, ~~como~~ a logística da agricultura familiar está umbilicalmente relacionada a uma organização produtiva em que a família trabalha nas terras, ao tempo em que se caracteriza como a proprietária dos meios de produção. Tal configuração social possibilita observar, nestas relações de trabalho, questões como gestão, força de trabalho, formas de sociabilidade familiar e comunitária, formas de inserção no mercado de trabalho, consumo de bens e serviços, além de identificar as demandas da categoria juvenil no que tange às questões relacionadas às necessidades, aspirações escolares e projetos de vida. Assim, Marin (2019, p. 61) defende seu entendimento pela categoria juventude rural, suas dimensões, configurações, concluindo que:

As juventudes rurais são apreendidas como construções sociais, contextualizadas em dimensões históricas e territoriais, que confluem em diferenciadas configurações sociais e também distintos processos de autonomização, que podem passar pela sucessão hereditária na agricultura familiar, pela agregação ao trabalho ou pela vinculação em instituições escolares. Dessa forma, a juventude rural é considerada uma categoria social, que apresenta demarcadores etários, mas cuja compreensão requer análise das relações em que os jovens estão inseridos nos distintos contextos históricos, sociais e espaciais.

Muito além de uma fase da vida, esta compreensão das juventudes rurais como constructo histórico-social requer que se analise os contextos econômicos, sociais, culturais e espaciais em que o jovem está inserido, bem como as particularidades das relações tecidas com o outro e consigo, no jogo de enfrentamento e ou dominação hierárquica de elementos que irão desaguar na formulação dos significados atribuído à realidade social que está ao redor.

O conhecimento sobre esses sujeitos históricos requer, ainda, que sejam acionadas as experiências nestes contextos, imbricando na construção das características da condição e da situação juvenil. Nesse sentido, Weisheimer (2019) nos convida a pensar algumas características que balizam o debate nesta unidade de análise, destacando: a) ambivalência típica da situação liminar e transitória; b) a posição subalterna aos adultos na hierarquia social; c) a conflitividade originada pelo

processo de individualização na situação de subalternidade; d) a criatividade e capacidade própria do contato original com a cultura pré-estabelecida.

Desta forma, é necessário assumir a juventude como categoria relacional fundada em representações sociais que conferem sentidos ao pertencimento de faixa de idade, mas também como categoria que remete a sujeitos em busca de recursos e efetiva autonomia, que produzem e experimentam os processos de socialização de forma diferente. Estas linhas configuram o que Weisheimer (2019) aponta como necessidade de reconstrução sociológica da situação juvenil com base no processo de socialização, ou seja, da análise desse grupo a partir das diferenças estruturais da sociedade, tais como classe social, o gênero e a etnia.

Para o autor, serão estes marcadores que irão produzir diferenciações nos processos de socialização dos jovens, contribuindo, assim, para a formação de múltiplas juventudes. Esta abordagem possibilita uma categoria analítica de modo relacional, entendendo, dessa forma, as especificidades e diferenciações das juventudes como resultado dos processos de socialização pelos quais estes indivíduos passam e não somente da análise referida a situação de classe social.

Quando se consideram as diferenças de classe social, etnia e gênero, é possível perceber distinções relativas às posições ocupadas nos processos sociais que por sua vez irão refletir sobre os processos de socialização. Este movimento nos leva a pensar a diversidade e privilegiar as noções de juventudes e jovens no plural, uma vez que estes vivem realidades sociais diferentes, construindo e experimentando identidades coletivas distintas (WEISHEIMER, 2005).

Esta mesma perspectiva pode ainda contribuir na investigação sobre os projetos de vida dos jovens que participaram da pesquisa. Pensando o presente como espaço de construção dos projetos de vida, Leão *et al* (2011) consideram pertinente se afastar da lógica que consagra os projetos de vida como a capacidade individual dos jovens de elaborar um determinado projeto e persistir no mesmo, tornando-se, assim, uma responsabilidade que se arrasta durante o tempo, tornando-se argumento para explicar e, mais do que isso, justificar o lugar social ocupado no futuro, quando adulto. Assim, propõem:

Partimos da ideia, inspirados em Schutz (1979), de que o projeto de vida seria uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de ser perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. Nesse sentido, o projeto não deve ser entendido como resultado de um cálculo matemático,

estrategicamente elaborado, ou de um processo linear, como está presente no senso comum. (LEÃO *et al*, 2011, p. 1071).

Nesse cenário, observa-se que as projeções em relação aos projetos de futuro estão pautadas nas experiências sociais, não havendo linearidade. Assim, se faz necessário apontar a origem social, o gênero e a etnia nas construções de cenários futuros, entendendo os planos de ações futuras e aspirações ocupacionais como um arco temporal, mais ou menos amplo, que um indivíduo se propõe a realizar em alguma esfera da vida, seja ela profissional, educacional ou mesmo afetiva.

Uma vez que trouxemos até aqui abordagens que dão conta do debate acerca da concepção das juventudes rurais como uma categoria plural, heterogênea, relacional, fruto das interações histórico-sociais e das variáveis tempo e espaço, com características que lhes foram socialmente atribuídas, reivindicamos a possibilidade e importância de pensar com e não para os jovens rurais. Todas estas pistas permitem que pensemos os atores sociais da pesquisa como ativos que adquirem os saberes práticos fundamentados nas relações sociais de um determinado contexto, abrindo possibilidades para que possam ser reveladas as experiências, vivências, saberes sobre si e sobre os outros, saberes sobre questões que são relevantes para os modos de vida dos atores e atrizes sociais (BOMFIM, 2018).

Assim sendo, vejamos o que documentos oficiais e a literatura local têm a nos contar sobre a realidade do contexto histórico e educacional do município de Araci.

2.1 Um breve retrato da educação no município de Araci- Bahia

Neste tópico, apresentamos um panorama sobre a organização e a oferta da Educação no município de Araci.

Tendo como referência o Censo Demográfico de 2010 o município conta com 51.651 habitantes sendo que, 57,4 % desta população vive com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo (IBGE, 2010). Ainda é importante citar que o município registra alta taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais, 32,10%, e referente à taxa de abandono escolar de pessoas entre 18 a 24 anos, o município conta com 51,50% (IBGE, 2010).

Consoante esses pressupostos, trago as contribuições dos estudos de Santos (2019) sobre a Educação no município de Araci, de modo a dotar-nos de conhecimento histórico educacional do município, bem como, reconhecer os elos entre a reminiscência da Educação de Jovens e Adultos e a remanescente (in) visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade. Apesar de não ser a Educação de Jovens e Adultos o recorte de estudo da presente pesquisa, o acesso escolar, abandono escolar e disparidade entre idades e série são temas que convergem e aproximam as pesquisas.

Dessa forma, Santos (2019) nos indica que o ensino no município, inicialmente, era feito pelos membros da família. Aos pais limitavam-se a tarefas de escrever o nome, leitura e técnicas de realização de cálculos simples de tabuada para seus filhos homens, já às mulheres ficava apenas o encargo de aprender os afazeres domésticos. É possível perceber, ainda, o caráter segregador e elitista que o acesso à educação tinha nesse momento quando a autora, a partir de sua pesquisa, aponta que a educação pública no município teve início em 1867, quando o fundador de Araci, José Ferreira de Carvalho, sentiu a necessidade de um professor para seus netos e bisnetos, e enviou uma carta ao Inspetor Geral de Ensino da Bahia solicitando a nomeação de um professor público para o cargo. Assim, o primeiro profissional desta carreira nomeado para atender a freguesia do Raso foi o professor Pedro Ferreira Borges no ano de 1867 para ministrar aulas aos netos e bisnetos de José Ferreira de Carvalho. (SANTOS *apud* LIMA, 2019).

Tal passagem da história da educação do município de Araci evidencia questões e práticas comuns que trazem as marcas históricas da falta de acesso aos conhecimentos básicos da escrita e da leitura a amplas parcelas da população, situação impostas pelos grupos dominantes das áreas rurais do campo nordestino. A desescolarização forçada é uma forma de violência que se configura em uma espécie de colonismo endógeno, penetrando no imaginário de pessoas pobres, que são levados a acreditar que a escola não era pra eles e que sua caneta é o cabo de enxada. (NUNES *et al.* 2015).

Feitas essas considerações, retomemos os dados acerca do quantitativo e distribuição das escolas no município. Segundo Santos (2019), em 2017, Araci possuía 99 escolas; delas, uma era específica para Atendimento Escolar Especializado - AEE, 17 escolas estavam situadas na sede do município, e no campo haviam 82 escolas, distribuídas em 14 regionais. Entre transferências, nomeações de

professores leigos (aquele cuja escolaridade máxima alcançada é o 1º grau completo ou incompleto), inter cruzamento e análise de dados é possível afirmar que durante os 70 anos do município houve uma oferta maior da escolarização gratuita. Apesar de, por um lado, haver um aumento progressivo no número de estabelecimentos de ensino (de 12 escolas em 1950 para 99 em 2018), por outro, entre 1970 a 2018, é perceptível uma queda na oferta, evidenciada pela diminuição do número de escolas por habitantes.

O que Santos (2019, p. 111) nos possibilita concluir sobre os dados e proposições acerca da Educação no município de Araci é que: “A evolução histórica e escrita da educação do município de Araci, seja nos documentos oficiais ou na literatura local, nos fez perceber uma realidade de recursos parcos, com professores na sua maioria leigos, retratando uma educação que chegava a passos lentos, medíocre, mas chegava!”. Este cenário configura uma realidade que sempre esteve subserviente às estruturas de dominação, como já foi aqui levantado, mas vejamos então como esses processos se dão, através das análises das narrativas dos jovens da comunidade da Ribeira.

3. Os caminhos da pesquisa

O profissional da educação deve ter a pesquisa como prática comum em seu cotidiano. Essa postura deve ir além do que nos possibilitam as experiências diárias das salas de aula ou mesmo as insatisfações proferidas todos os dias nas salas de professores. Chamamos atenção para a importância de utilizar esses registros na realização de pesquisas, promovendo, assim a produção de dados, confrontos de ideias, discussões teóricas e, principalmente, construindo conhecimento teórico e propostas de intervenções no ambiente escolar, como é o caso desta pesquisa.

Assim sendo, é necessário sublinhar os caminhos metodológicos que foram percorridos ao longo da investigação, observando os procedimentos de produção de dados, assim como os instrumentos que trouxeram os subsídios necessários para responder à questão colocada para a pesquisa. Para auxiliar nesse processo, recorreremos aos procedimentos de produção de dados propostos pelos autores Nascimento e Farias (2020, p. 27-28) ao tratarem de pesquisas que abordam o

cotidiano: “Entendemos que a pesquisa com os cotidianos assume caráter qualitativo por se caracterizar pela descrição e interpretação dos dados a partir dos pontos de vista dos sujeitos estudados sobre suas vivências. E considerando a própria experiência do pesquisador como base para realização da pesquisa.”

A abordagem qualitativa aplicada a uma pesquisa considera, não somente a descrição dos fatos denunciados pelos entrevistados, mas possibilita pensar que há subjetividades e nuances que não são quantificáveis por si só. A pesquisa qualitativa considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito além daquela traduzida em números. Ao tratar dos percursos da pesquisa qualitativa, Minayo (2001) assume que a abordagem configura-se como um caminho ideal para aprofundar e, principalmente, compreender as intencionalidades presentes nas falas, nas vivências, valores, percepções, desejos, necessidades. Trata-se de uma perspectiva dialógica, uma vez que fala-se sobre si mesmo e do objeto pesquisado, pois através de uma palavra concebida nasce o intercâmbio dialógico e assim o conhecimento se constrói.

Ainda é importante destacar o contexto pandêmico em que a pesquisa foi desenvolvida e os impactos e reelaborações que cenário exigiu. O distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19 fortaleceu o processo já emergente das conexões virtuais entre as pessoas, trazendo implicações também para a condução da pesquisa. Se por um lado esse cenário contribuiu para o contato e entrevistas com os jovens que migraram, por outro a suspensão das aulas presenciais e carência de acesso à internet dificultou o contato com os jovens que se encontravam na Ribeira.

Apresentado o percurso metodológico desenvolvido e seus entraves, registramos no tópico que segue alguns aspectos centrais do campo de pesquisa.

3.1 Campo de Pesquisa

Estando localizada a aproximadamente 32 quilômetros da sede do município de Araci- Bahia, a comunidade rural da Ribeira tem como principal atividade econômica a agricultura. Esta atividade é fundamental não somente para o sustento econômico dos moradores locais, mas para a construção de múltiplas experiências nos processos de desenvolvimento local.

Pensando nessas experiências é importante destacar que os jovens envolvidos na pesquisa são oriundos de uma escola que surge da organização da comunidade que percebeu a necessidade da criação de um espaço educativo na localidade e assim se organizou coletivamente, dando origem à primeira sede escolar da

comunidade da Ribeira: a Escola Municipal Produção Comunitária². Após a construção de um novo prédio escolar, toda a dinâmica da comunidade se reconfigurou e o antigo prédio passou a ser esquecido, sendo utilizado somente como depósito de livros, o que nos leva a pensar sobre o apagamento das contribuições dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Vinculada a origem da construção da escola está também, a construção de uma casa de farinha. Segundo relatos de moradores, os materiais para as construções da escola e da casa de farinha foram doados, havendo a ação de uma empresa que, através de uma licitação, disponibilizou os pedreiros. Já à comunidade coube a organização de auxiliares de pedreiros que, em mutirões, desempenharam papéis importantes nos projetos citados.

Estas mobilizações para ações de implementação de espaços de direito e de promoção da cidadania nos levam a pensar sobre os sujeitos que se comportaram como atores desses processos. Embora, hoje os atores sejam outros, ainda é importante que vejamos quem são os jovens da Ribeira, pensando-os não somente como objetos de análise, mas como sujeitos sociais protagonistas e também autores coletivos da pesquisa, que revelaram, em suas narrativas, as estruturas processuais de seus cursos de vidas.

3.2 Sujeitos da Pesquisa

Evidenciar os principais processos de construção social das juventudes rurais e discutir perspectivas analíticas para questões relacionadas aos estudos dessas juventudes recai sobre a questão das migrações. Sobre o tema Marin (2019) corrobora apontando que desde metade do século XX tem sido os jovens rurais que mais tem intensificado os movimentos migratórios para os centros urbanos. Segundo ele, os jovens rurais, especialmente os seguimentos mais empobrecidos, foram os principais expropriados e desenraizados da modernização da agricultura, sendo, assim, são arremessados como migrantes rumo às vilas e favelas das grandes e médias cidades do país.

Para entender como se deram esses processos com os jovens da Ribeira o instrumento utilizado foi a entrevista individual semiestruturada, visando a análise das narrativas de quatro jovens da comunidade.

² Escola de médio porte que conta com 446 alunos matriculados em 2022.

A seleção desses quatro jovens obedeceu a definição de dois subgrupos a fim de permitir uma melhor compreensão da realidade. Assim o subgrupo 1 foi composto por dois jovens que permaneceram na comunidade e que ainda continuam frequentando a escola, ou seja, não migram; já o subgrupo 2, também composto por dois jovens reuniu aqueles que migraram antes do término do ciclo escolar.

Visando preservar a identificação dos jovens envolvidos no estudo seus nomes foram substituídos por codinomes. Assim, apresento os interlocutores:

a) Subgrupo 1: jovens que não migraram e continuaram seus estudos.

Abdu: é um jovem de 15 anos, mora com os avós e tios. A mãe mora em Serrinha-BA com o atual marido, com quem têm um outro filho. Ele não conhece o pai biológico. A renda da família é assegurada pela aposentadoria dos avós do jovem e da tia que é deficiente. A mãe estudou até a quinta série do ensino fundamental e os avós estudaram até a quarta série.

Onirê: com 16 anos, ele é filho de pais separados, tem três irmãos por parte de pai e uma irmã por parte da mãe. Atualmente o jovem vive com a mãe, o padrasto e só um irmão. Durante a manhã trabalha com o padrasto em uma oficina mecânica e fazendo “bicos”. Em relação aos pais, narra que a mãe não concluiu a “escola”, parando antes da conclusão do fundamental II, mas não tem essa informação sobre o pai, porque este “não combina muito comigo” – referência a não ter contato com o pai biológico.

b) Subgrupo 2: jovens que migraram antes de concluir os estudos.

Iberê: tem 21 anos, estudou até o nono ano porque, segundo ele afirma, teve que parar para “viajar”. Trabalha na construção civil em São Paulo e durante a pandemia ficou três meses sem conseguir trabalho. Pai concluiu o Ensino Médio e a mãe não. Em São Paulo mora com a esposa, enquanto que na casa em que morava na Ribeira eram 8 pessoas. Migra para São Paulo com a ajuda do Tio, que era da Ribeira, e o “leva” depois de arranjar emprego.

Buriti: é um jovem de 22 anos. O Pai estudou até segunda série do ensino fundamental I e a mãe é analfabeta. Mora com um irmão em São Paulo, deixando na Bahia mais três. Na Ribeira, a renda mensal era de trezentos reais. Trabalha há dois anos com manutenção de cadeira de dentista. Ele narra que para assumir tal cargo não fez nenhum tipo de curso, a “pessoa mais experiente”, com quem ele divide as horas de trabalho, tem ensinado a profissão. Levanta às 4:30 da manhã para se apresentar no local de trabalho às 7h. Chega em casa por volta das 19h.

Até aqui foi possível coletar elementos extremamente provocativos que levantam questões relevantes e de urgência acerca dos universos dos jovens da Ribeira. Vejamos os instrumentos utilizados para reuni-los.

3.3 Instrumentos

Para entendermos não somente os processos afetivos e burocráticos na construção do espaço escolar, somados aos pilares que consolidam as ações dos jovens que fazem parte desse ambiente foram necessárias as análises das entrevistas narrativas. Usamos, então, a técnica proposta por Schütze (2013). Para o autor a entrevista narrativa³ produz dados textuais que geram o entrelaçamento dos acontecimentos e por vezes a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia. Sendo assim, o autor irá dividir a entrevista narrativa em três momentos centrais. O primeiro momento consiste na atitude do pesquisador em dar o impulso com uma pergunta ampla para que o entrevistado narre suas histórias de vida que é interesse da pesquisa. O segundo momento propõe a intervenção do pesquisador, que deverá voltar às passagens pouco plausíveis, de uma vaguidade abstrata ou mesmo resumida com o intuito de buscar fundamentos para esclarecer o que não ficou explícito. E por fim, a terceira etapa que consiste em explorar o potencial de descrição e teorização do informante, estimulando a descrição mais detalhada de acontecimento centrais da sua biografia, trazendo à tona elementos importantes na produção de dados.

Assim, para balizar a realização das entrevistas foram elaborados dois roteiros que contaram, simultaneamente, com blocos temáticos comuns e com questões específicas direcionadas aos dois subgrupos de sujeitos: subgrupo 1: alunos que não migram e continuam seus estudos e subgrupo 2: alunos que migraram e deixaram os estudos.

Para construção dos blocos temáticos e considerando as questões centrais da pesquisa, foram definidos quatro temas, sendo eles: Tema 1- Pandemia, Tema 2- Identificação dos alunos (este tema foi importante para a construção do perfil e das

³ É importante ressaltar que, devido ao momento que nos encontramos devido à pandemia e seguindo as orientações de órgãos responsáveis pela segurança sanitária, inicialmente as entrevistas foram realizadas de forma remotas, através de dispositivos que permitem a comunicação e a gravação de áudios e vídeos.

informações dos jovens apresentados no item anterior), Tema 3- Relação com a Escola e por fim o Tema 4- Percepção sobre a permanência no meio rural.

Então, vejamos as discussões e análises que o referido percurso metodológico nos possibilitou.

4. “Fala, garoto”: o que os jovens da Ribeira têm para nos dizer

A celebre frase: “Fala, garoto” remete ao apresentador Serginho Groisman e ao formato do seu programa de TV cujo o público central são os jovens. A frase é usada quando o apresentador oportuniza que os jovens de sua plateia façam questionamentos aos seus convidados. É importante denunciar que não serão todos ou quaisquer jovens que ocuparão tal espaço e terão tal oportunidade, aqui estamos falando dos jovens que partilham de atributos sociais e econômicos que construíram, e ainda constroem, os demarcadores que representam a norma e estão, assim, em consonância com os padrões socioculturais– jovem classe média, urbano, branco, heterossexual (LIMA, 2021). Esses demarcadores de padrões não comportam outras dimensões sobre o universo juvenil, desvia e desconsidera processos sociais e culturais que são plurais na construção das experiências. Assim ao escolher a frase, reivindicamos que os jovens rurais da Ribeira possam falar sobre os processos que atravessam seus corpos e vidas.

Para que esses jovens possam falar sobre esses processos, construímos um percurso que será guiado pelas discussões que os blocos temáticos nos possibilitaram. Assim, para o primeiro bloco temático “Pandemia” a questão central impulsionadora para os dois subgrupos foi: “Fale um pouco de como tem sido seu dia a dia na pandemia”

Os jovens do subgrupo 1 trouxeram os seguintes relatos:

Não, a pandemia tá... ruim pra todos, né, véi! (Risos) Tá ruim., assim... sem escola presencial... ficou difícil de tudo, tá ligado? Tá ruim... ruim pra trabalho, pra estudar. Ficou tudo difícil... Realmente atrapalhou um pouco, né? E ajudou a viver mais, como assim? Assim, é... é ajudou as pessoas a ser solidário mais com os outros, ajudar mais o próximo pra pessoa ver como é a vida, né? Eu trabalho de manhã pra meio dia e quando é uma hora eu venho pra estudar. Só Trabalho um período. Eu trabalho mais em casa mesmo, tá ligado? Assim... mecânica de oficina, essas coisa. Trabaio meio período (Onirê, 2021).⁴

⁴ Como forma de enfatizar e dar maior destaque às falas dos jovens entrevistados, as grifarei em itálico, mesmo para falas com menos de três linhas.

Eu ajudo meu avô quando ele precisa. A pandemia assim... a pessoa não pode ficar saindo toda hora, tem que ficar usando máscara, não pode... tem que cuidar das pessoas, né? meus avós não deixam eu ir na rua direto. Eu fico... vou na casa de minha tia, ajudo ela, o meu avô ajuda também, estudo mais os meninos aqui (Abdu, 2021).

Os jovens relatam a instituição do Ensino Remoto que foi estabelecido em todo o território nacional, não sendo diferente no município de Araci. De acordo com a Portaria Municipal nº 030 de 22 de setembro de 2020⁵, ao considerar as medidas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde no sentido de conter a infecção humana pelo Covid-19, foi publicado o Plano de Emergencial para Aplicabilidade de aulas remotas nas escolas públicas do município de Araci- Bahia. O Plano “Emergencial”, ironicamente publicado seis meses após a suspensão das aulas devido ao Covid-19, estabelece, no artigo 2, o Regime Especial de Ensino com a realização de atividades não presenciais mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação. Tendo em vista a realidade do município, as atividades não presenciais mediadas que a portaria estabelece ficaram restritas aos envios de atividades digitadas para os alunos via Whatsapp ou blocos de atividades impressos na secretaria das escolas.

Quando feita a mesma questão central impulsionadora para o subgrupo 2, dos jovens que migraram, as questões relacionadas ao processo pandêmico também estiveram atreladas, principalmente, aos impactos econômicos. Assim, responderam:

Mais ou menos porque falta trabalho...deixou muita gente parado aí... Eu acho que sim, que interferiu. Eu sai do trabalho e fiquei uns três meses sem conseguir trabalho. Aí eu acho que interferiu nisso aí. (Iberê, 2021).

Meu dia a dia aqui é... tá sendo difícil, né? a pessoa não pode andar sem máscara... não pode entrar em estabelecimento sem a máscara também... Atrapalhou muito porque eu ia estudar aqui, já não estudei mais, né? mode isso ficou tudo parado, aí atrapalhou muito. (Buriti, 2021).

As falas dos entrevistados ressaltam as responsabilidades em relação aos problemas que afligem, de forma geral, os jovens, a começar pelo acesso à escola, emprego e, principalmente, políticas de segurança no que diz respeito à empregabilidade e ações voltadas aos desempregados. Vale observar que estes

⁵ Informações encontradas em: <https://www.araci.ba.gov.br/pagina/exibir/anexo/%203792>

problemas se agravaram durante a pandemia atingindo com mais intensidade as pessoas mais vulneráveis. Um desses grupos são os jovens que estão particularmente expostos ao impacto socioeconômico da crise educacional e do mercado de trabalho que ameaçam não apenas prejudicar a qualidade e a quantidade de empregos, mas, também, aprofundar as desigualdades já existentes.

É imprimindo sentidos, absorvendo e criando representações acerca de si e de seu espaço, que as juventudes rurais se apresentam como categoria sociológica que, a partir das relações sociais produzidas em um contexto socioespacial específico, vem buscando explicações sobre o mundo ao seu redor, formulando e reformulando práticas sociais no espaço que, a partir das vivências partilhadas, (re)afirmam ideias, opiniões, valores, crenças, entre outros. Assim sendo, para sabermos os sentidos atribuídos à escola e tendo como tema: Relação com a Escola, perguntou-se para os jovens do subgrupo 1: Quando você pensa na escola, quais lembranças você tem? (O que te chama atenção na escola? O que acontece na escola e que você considera importante? Como são as aulas, colegas, professores...? Tem coisas que você gostava?)

Assim, as respostas dadas pelo subgrupo de jovens que ainda se encontram na Ribeira nos leva ao debate sobre a falta de alternativa de vida no campo como efeito da acumulação de capital, onde a lógica excludente empurra os jovens à uma perspectiva capitalista idealista referente à vida na cidade, como podemos ver na fala de Abdu:

Meus planos não é sair daqui ainda, né? Eu tenho que me formar primeiro, pra depois em um dia eu sair pra mim... trabalhar, de outro... lugar. Não pretendo sair ainda daqui. Assim, quando eu me formar... eu pretendo... não, assim, eu quero fazer um curso, né? aí, pretendo... quando me formar, pretendo viajar pra levar tipo um currículo, né, de trabalho, Aí eu quero... tomara que quando eu trabalhar não seja a pandemia mais, ne? Aí eu quero trabalhar pra resolver minha vida. Porque aqui, assim... tem lugar pra trabalho, mas não é muito, não. As pessoas aqui na roça é mais... trabalha na enxada, na dureza, na mão e tem outros lugares a inteligência do... do trabalho, assim, de outras pessoas, não é toda força assim como tem na roça. Lá pra fora já é, tipo, inteligência pra trabalhar. Tipo isso. Aqui já é diferente (Abdu, 2021).

Para Queiroz (2019), os dados da realidade desses jovens rurais que buscam nos grandes centros emprego, vida melhor ou, como nos fala Abdu, “lugares da inteligência”, não são nada promissores. Segundo a autora o lugar que esses

indivíduos irão ocupar na cidade, após o processo migratório, é tão excludente quanto o lugar de origem, pois, tendo em vista os determinantes da posição de classe social- que é a mesma tanto no campo quanto na cidade- a posição social é de exploração e de exclusão. Esse cenário pode ser observado nos depoimentos de Buriti, que recebe um salário mínimo ao mês para uma jornada de trabalho que começa às 4:30 h da manhã, quando precisa acordar para chegar ao trabalho às 7h, retornando para casa por volta das 19h, ou seja, tendo mais de 12 horas diárias em função do trabalho.

A esse propósito, Queiroz (2019) ainda corrobora quando aponta que no âmbito de pesquisas relacionadas às juventudes rurais os temas trabalho e educação são recorrentes para justificar a migração do campo, uma vez que no campo são limitadas as perspectivas de trabalho e negado o acesso ao conhecimento escolar de qualidade, desde a educação básica até o ensino superior, técnico e pós-graduação. No território do sisal tal situação não é diferente, sendo importante apontar que as marcas históricas da falta de acesso a “escrita” e a “leitura” são impostas pelos grupos dominantes das áreas rurais do campo nordestino. Araci não foge à regra no território do sisal, como aqui já foi abordado, sendo a desescolarização forçada uma forma de violência que se configura em uma espécie de colonismo endógeno (NUNES *et al.* 2015) e responsável pelos mais de 32,10% de taxa de analfabetismo e dos 51,50% de taxa de abandono escolar precoce.

A questão norteadora do bloco “Relação com a Escola” além de discutir o significado da instituição escolar, nos permite pensar sobre os enfrentamentos das desigualdades e dificuldades pelos jovens na construção dos seus projetos de futuro, como aponta o pesquisado:

Eu acho que a escola é importante... (pausa longa) porque terminar os estudos é melhor, né? ... se formar. Mudaria o monte de coisa porque tem trabalho aí que só pega gente formado. Então, formado serve para isso aí... pra trabalhar em algum banco, as veiz em algum supermercado que só pega gente assim. (Iberê, 2021).

Ao constatar, através de sua pesquisa sobre juventudes rurais no sertão, que a educação escolar é apontada como condição para que o indivíduo se torne “alguém na vida”, Menezes (2012) pôde perceber que está reservada à educação a tarefa de garantir uma vida melhor para os filhos/netos dos agricultores. Esses jovens, por sua vez, apresentaram projetos de futuro que incluem a saída do campo com a finalidade de se aperfeiçoar, trabalhar, sinalizando, portanto, a continuação dos estudos como condição para melhoria de vida, porém não necessariamente em seus lugares de

pertença. Esse mesmo aspecto foi destacado por um dos entrevistados que faz parte do subgrupo de alunos que deixou a escola e a comunidade da Ribeira, mas que ainda assim atribui grande significado aos estudos:

Entrou muita coisa, né? Só que eu não sabia ler... que se não sabia ler a gente pode dizer que a pessoa não é nada, né? Escola é tudo pra o ser humano, sem escola a pessoa não vai pra frente, não. (Buriti, 2021).

Diante das pautas evocadas até aqui, acreditamos que é de suma importância compreender como as juventudes constroem suas aspirações ocupacionais e qual o lugar da escola e do espaço de pertença nesse processo. Esse movimento nos possibilita pensar a heterogeneidade relativa aos percursos, construções de sonhos, representações e possibilidades concretas que marcam os projetos de vida desses indivíduos das mais variadas formas. No imaginário dos jovens da Ribeira o meio rural é visto como sinônimo de atraso, ao passo que morar e trabalhar em grandes cidades faz com que estejam vinculados ao progresso, modernidade e evolução. Esta representação domina não somente o imaginário dos jovens entrevistados, mas também o das pessoas (tios, irmãos, primos, etc.) que já deixaram o campo para desfrutar do pseudo conforto dos grandes centros. Nas falas dos jovens é possível perceber essas representações:

Cheguei aqui através de meu irmão... Meu irmão.... eu tava na Bahia, né? e aí meu irmão arrumou um serviço aqui. Aí meu irmão foi lá pra Bahia, aí quando ele veio pra cá, aí eu vim com ele. Era um plano meu 'vim' pra cá. (Buriti, 2021)

Pra eu chegar aqui foi um tio meu que me trouxe... ele arrumou um trabalho aqui, aí ele me chamou pra vim, eu vim com ele. Eu já pensava em vim antes, já tinha viajado pra Santa Catarina (falha na conexão) ...antes de vim pra cá. (Iberê, 2021).

A rua da palha⁶ não tá realmente muito incluída no meu sonho, assim... ser gente grande na vida, subir na vida. Eu quero... caçar outros meios de viver, tá ligado? Assim... cidades grande, essas coisas e a rua da palha não tá muito incluída nisso. Eu quero fazer um... um curso pra fazer um futuro melhor, tá ligado? Assim, é pra policial o curso que eu quero fazer. A vontade de ser médico inspira porque salva vida, agora policial... eu vejo uns... faz bem às pessoas, tá ligado? Pra proteger, se é que você me entende. Inspira a pessoa. (Onirê, 2021).

⁶ Rua da Palha é um logradouro, um espaço reconhecido oficialmente pelo município de Araci, mas que fica hierarquicamente sob responsabilidade da comunidade da Ribeira.

Na fala de Onirê, aluno ainda em processo de conclusão do ensino fundamental II, é possível identificar o impacto que a ocorrência de abandono escolar e migração entre os colegas de escola produz sobre aqueles que permanecem na comunidade e dão continuidade aos estudos, uma vez que este diz que para “ter um futuro melhor” e “subir na vida” faz necessário deixar seu lugar de pertença e ir para os grandes centros. Ainda sobre as passagens acima, os sujeitos demonstram sua construção como condição juvenil: sujeitos sociais em construção, resultado das experiências de socialização (MENEZES, 2012). Assim, ao socializar com outros sujeitos, os jovens apreendem imagens e significados que interferem sobre as possibilidades de permanência nos espaços da escola e no lugar em que vivem.

Nesta via de debate, Rodrigues (2007) traz as contribuições de Marx e Engels para pensar consciência, alertando que a consciência que os homens têm sobre as relações produtivas não condizem com as relações materiais reais que de fato vivem. Assim, as ideias e as concepções sobre como funciona o mundo são representações que os homens fazem sobre suas vidas, onde foi criada uma lógica generalizada de que se deve trabalhar, independente de lugar e função. Esse trabalho e seu salário são injustos, isso porque a relação de assalariamento é injusta em si. Injusta porque separa o trabalhador do resultado do seu trabalho, e isso o aliena. E essa injustiça é maior porque ao trabalhador não é dada a oportunidade de descortinar esse processo a partir da sua experiência na vida cotidiana por causa da ideologia que é uma concepção de mundo elaborada pela classe dominante e internalizada, assumida, pela classe dominada como se fosse sua. A suprema ironia do capitalismo é que o dominado pensa com a cabeça do dominador, e essa é a forma de dominação mais visceral (RODRIGUES, 2007).

Como via de superação desses processos de dominação, Bomfim (2018) aponta que os sistemas de ensino devem promover alternativas de organização institucional que possibilitem a participação dos estudantes como agentes de transformação de suas unidades escolares, assim como de suas comunidades de pertença: os sistemas de ensino devem promover alternativas de organização institucional que possibilitem participação social dos estudantes como agentes de transformação de suas unidades escolares e de suas comunidades, problematizando a ideia de protagonismo e responsabilidade social (BOMFIM, 2018, p.128).

Assim, investigar o que os pesquisados pensam sobre seu lugar de pertença, a Ribeira, e analisar as formulações sobre o espaço vivido⁷ nos levaram a formulação do Tema 4: “Percepção sobre a permanência no meio rural”.

Para este bloco temático a questão impulsionadora para o subgrupo 1 foi: para você, qual o significado de morar na Ribeira? Obtivemos as seguintes respostas:

Aqui é bom demais, não é tipo cidade grande... (pausa por problemas de conexão) Assim, a pessoa morar em comunidade pequena é bom porque a pessoa conhece todo mundo, os amigos ali, todo mundo... familiar. É divertido a pessoa ver os amigo... essas coisa. (Onirê, 2021)

O lugar que eu moro é tudo tranquilo, as pessoas não são assim... de malocagem, essas coisas... aqui não é lugar de tiroteio, porque tem lugar que tem tiroteio, ladrão... aqui é um lugar tranquilo. Eu penso em ficar aqui quando... até quando me formar assim, até cuidar dos meus avós... aí eu pretendo mais pra frente me formar ... é... criar um futuro pra mim. (Abdu, 2021)

As falas dos jovens convergem ao trazer os benefícios de morar na comunidade rural pesquisada: conhecer e ter contato constante com, além dos familiares, os vizinhos e amigos, como também a ausência da violência. Esses elementos criam nesses jovens — que vivem em universo de ausência de direitos básicos, de ter tratamento e oportunidades iguais — significância afetiva, experiências e sentidos. Esta via é importante para pensarmos o lugar dos espaços socioeducativos, como lugares onde diversos atores sociais compartilham a vida comum e os sujeitos criam suas redes de significados sobre as coisas do mundo e do espaço de pertença (BOMFIM, 2018).

Assim sendo, valorizar esses espaços como objeto social e como fenômeno do processo educacional é uma condição importante por diferentes motivos. Vejamos: primeiro, pela necessidade de um olhar psicossocial em pesquisas educativas, segundo para compreender o sentido de suas práticas sociais e educativas cotidianas que expressam idealizações de uma realidade socialmente imaginada e vivida. Dessa forma, em consonância com essa realidade vivida e imaginada, ações socioespaciais devem ser criadas como orientações de práticas que contemplem as especificidades

⁷ O conceito de espaço vivido proposto por Correia e Bomfim (2021, p.198) é formulado a partir das considerações acerca do conceito de Lugar: “Corroboramos com a definição de Souza *et al.* (2009, p. 05), quando estes afirmam que ‘[...] o lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas’. E este ‘valor’afetivo se apresenta, justamente, por causa do envolvimento emocional estabelecido entre o sujeito e o lugar, aqui entendido como espaço vivido.”

locais, garantindo a permanência ou, pelo menos, uma via de possibilidade para os jovens. (BOMFIM, 2018).

Na ausência de ações e projetos com o objetivo de fortalecimentos das potencialidades e que busquem soluções para as fragilidades do território, ainda iremos nos deparar com respostas como essas quando perguntamos: “Pensa em voltar?”, aos jovens que migraram:

No momento não, até agora não. Porque aqui tá bom, tô trabalhando sossegado, ajudo minha mãe, meu pai. Mando dinheiro (Buriti, 2021).

Penso nada. Penso não!!! É que a gente vem em busca de um sonho, né? Em busca de melhoras. Aí a gente tem que sair (Iberê, 2021)

A escola, que está localizada no espaço vivido, necessita ser pensada como um lugar socioemocional voltado a capacitar as pessoas para buscarem o que desejam, a tomarem decisões, estabelecerem objetivos e persistirem no seu alcance, mesmo em situações adversas, de modo a serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento e de suas comunidades, cidades e países. (RIBEIRO, 2019).

Assim sendo, é preciso pensar na escola Produção Comunitária, não somente como lugar institucionalizado da educação formal, mas também como espaço privilegiado para discutir, além dos processos de aprendizagem próprios do ensino (objetivos, conteúdos e didática), questões temáticas que se encontram latentes nas transformações da sociedade contemporânea e fazem parte do universo simbólico e social dos jovens. Dentre as preocupações dos jovens, identificamos os fatores subjetivos e objetivos que se relacionam ao processo de construção dos projetos de futuro na/para Ribeira ou em qualquer outro lugar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas aqui, é importante considerar as juventudes rurais como categoria fruto de processos e redes de relações socioculturais que irão reger e modular as ações e concepções de mundo desses jovens, sendo importante, nesse processo, considerar os contextos temporais e territoriais na análise desta categoria social.

Na esteira do debate acerca de temas que operam nas pautas das juventudes e apontando a relevância de compreender as relações sociais em um determinado contexto, considerando o espaço, as experiências e as vivências dos atores e atrizes observa-se que os jovens da Ribeira têm procurado superar a escassez de certos recursos materiais, econômicos e simbólicos que marca o contexto social em que se inserem. Procuram conciliar o estudo com o trabalho rural sem remuneração, com a realização de 'bicos' e com a participação em atividades econômicas familiares (caso da oficina mecânica). Em meio a esse esforço se defrontam com a situação de desemprego, a falta de alternativa de vida no campo e o insucesso na escola, nos estudos.

A combinação desses ingredientes atua como importante fator no processo de tomada de decisões dos jovens pesquisados uma vez que estes estão inseridos em um contexto socioeconômico e cultural marcado pela ausência. A ausência marca não somente as violências pelas quais Abdu, Onirê, Buriti e Iberê passam, mas se evidenciam, também, no cenário marcado pelas incertezas nos levando a pensar se estes são realmente atores de seus projetos de vida ou têm construído estratégias incansáveis de sobrevivência a partir desse contexto de ausência? Penso que estamos todos neste último cenário.

Deve-se destacar que somente os esforços desses jovens não dão conta de lhes possibilitar a autonomia e daí a importância de se pensar uma escola para além da reprodução de estigmas. Dessa forma, o debate que Dowbor (2006) levanta sobre a necessidade em ter pessoas informadas sobre a realidade onde vivem e trabalham se faz uma via de possibilidade de superação dos problemas apontados na pesquisa. Segundo o autor, quando o sujeito conhece a origem ou as tradições culturais que constituíram a sua cidade, e toma posse de conhecimentos acerca do potencial econômico do seu lugar, do acerto ou irracionalidade da organização territorial ou, ainda, dos seus desequilíbrios sociais, é possível pensar práticas de desenvolvimento local.

Dowbor (2006) acrescenta, ainda, que pessoas desinformadas não participam, e sem participação não há desenvolvimento. Dessa forma, defende a visão de que podemos ser donos da nossa própria transformação econômica e social, e de que o desenvolvimento não se espera, mas se faz. É neste panorama que emerge a ideia de educação para o desenvolvimento local. Trata-se da necessidade de formar

peessoas que possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas. (DOWBOR, 2006).

Assim, a presente pesquisa intenciona contribuir no sentido de pensarmos numa escola que defenda a cidadania e entenda que esta se exerce em diversos níveis, mas é no plano local que pode ser expressa de forma mais concreta. Dessa forma, a escola não deve servir como trampolim para uma pessoa escapar da sua região, mas deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la. Assim, os sistemas de ensino podem ser vistos como promotores de alternativas de organização institucional que possibilitem a participação dos estudantes como agentes de transformação de suas unidades escolares, assim como de suas comunidades de pertença.

Este debate se prolongaria por mais linhas, mas aqui iremos pensar os fatores subjetivos e objetivos que se entrelaçam ao processo de construção dos projetos de futuro desses jovens do Território do Sisal. Território este caracterizado pela escassez que nos faz reivindicar a utilização das experiências pedagógicas com enfoque nos processos formativos que atendam às demandas da produção de vida dos jovens rurais que aqui se encontram. Esta reivindicação é um chamado para o que o mestre Freire (2020) denomina como diminuição da distância entre o professor e a dureza de vida dos explorados:

Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de esta sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e elas, a seu direito de ser. (FREIRE, 2020, p. 134).

Esse movimento é um movimento de abertura, de adentrar à realidade desses jovens, de entendê-los como sujeitos dotados de direitos e que devem ser instrumentalizados de políticas que possam garantir a continuidade e sucessão nos espaços rurais ou em outros que queiram ocupar. Dessa forma, a reivindicação, feita anteriormente, não tem caráter determinista, argumentando que indivíduos que nascem na área rural devem permanecer no espaço e reproduzir os papéis e expectativas futuras ligadas ao processo de desenvolvimento das práticas agrícolas, mas o intuito é apontar vias de possibilidades pautadas no reconhecimento das

demandas desses sujeitos. Ainda é necessário apontar que os caminhos de diálogos aqui apontados não se fecham às possibilidades criativas das experiências aprendentes, podendo, dessa forma, se alargar, mudar, agregar, ficar em manutenção, sempre com intuito de tecer orientações para

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Natanael Reis. **Representações Sociais: elos com saberes, práticas e juventudes no espaço**. Petrolina: REVASF, v.8, p.127-148, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/262/157>. Acesso em: 19 set. 2021.

DIAS, Acácia Batista; CUNHA, Adaiane Lopes; OLIVEIRA DA SILVA, Adriana; OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. **Potencial de indicação geográfica do sisal na Bahia**. Cad. Prospec, Salvador, v. 8, n. 1, p. 174-181 jan./mar. 2015. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/nit/article/viewFile/12284/pdf_91. Acesso em: 19 nov.2021.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local**. Disponível em: http://www.apodesc.org/sites/documentos_estudos/arquivos/DesenvolvimentoEDUC_ACAO_E_DESENVOLVIMENTO_LOCAL_Ladislau%20Dowbor.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. 64^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

IBGE. **Censo demográfico 2010: educação-amostra**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 22 out. 2021.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 01 dez.2021.

LIMA, Hadson Bertoldo Sales. **Juventudes rurais nas negociações identitárias**. Anais XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, v.12, jul.2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132102.pdf>. Acesso: 28 set. 2021.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Juventudes Rurais: processos sociais e temáticas de pesquisa**. In: MARIN, Joel Orlando Bevilaqua; FROEHLICH, José Marcos. Juventudes rurais e desenvolvimento territorial. Santa Maria: Ed. UFSM, 2019. p.35-66.

MENEZES, Isabela Gonçalves de. **Jovens rurais no sertão sergipano: escolarização e identidades culturais**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Valdriano F. do; FARIAS, Isabel M.S. **Procedimentos de acesso a narrativas na produção de dados em pesquisas com os cotidianos.** In: ARAÚJO, Raimundo Dutra de e ARAÚJO MACHADO, Francisco Antonio. *Processos metodológicos na pesquisa em educação: dispositivos de produção e análise de dados em movimento.* 1. Ed. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020. (p.25-42).

NUNES, Eduardo J. F; SANTOS, Marcos C. G. dos; BARRETO, Maria Railda N. **O Observatório de educação de Jovens e Adultos e a Educação Popular no Território do Sisal- Bahia.** Educação e Contemporaneidade -Revista da FAEEBA, Salvador, v.24, p. 183-197, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v24n43/0104-7043-faeeba-24-43-00183.pdf>. Acesso em: 10 jul.2021.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude:** alguns contributos. v. 01. XXV, p.139-165, 1990.

Prefeitura de Araci. **Plano de ação emergencial para aplicabilidade de aulas remotas nas escolas públicas do município de Araci.** Disponível em: <https://www.araci.ba.gov.br/pagina/exibir/anexo/%202563>. Acesso em: 15 jan.2022.

QUEIROZ, Sicleide Gonçalves. **Educação escolar da juventude do campo:** contribuições da pedagogia histórico-crítica para o trato com o conhecimento no currículo dos trabalhadores do campo. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Katiuscia da Silva. **História da educação em Araci:** elos entre a reminiscência da educação de jovens e adultos e a remanescente (in)visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado Educação e Contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia, 2019.